

## Teano a Calisto: sobre mulheres e escravizadas

Carolina Araújo

Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ),  
Rio de Janeiro, Brasil,  
correo.carolina.araujo@gmail.com

### Resumo

Transmitida juntamente com duas outras cartas atribuídas à filósofa Teano, Teano a Calisto é uma parêncese, datada provavelmente do período imperial e dirigida a uma jovem sobre como tratar suas escravizadas. Este artigo traz a primeira tradução deste texto para o português, acompanhada de introdução e comentário, ao longo dos quais se argumenta que ele (i) atesta a educação de mulheres por mulheres, (ii) defende que essa educação inclui o aprendizado do comando de escravizadas, (iii) propõe que escravizadas e livres são igualmente humanas por natureza, porém (iv) distingue-as por categorias sociais. Na sequência, apresenta-se uma análise crítica do texto, cuja conclusão é de que o sistema que se costuma denominar como patriarcado faz desde muito cedo uma distinção entre sexo e gênero, de modo tal que a última categoria só se aplica a mulheres livres.

**Palavras-chave:** Teano, Pseudo-epígrafe Pitagórica, Filósofas Antigas, Gênero, Escravidão

### Abstract

Transmitted along with two other letters attributed to the philosopher Theano, Theano to Callisto is a paraenesis, probably dated to the imperial period, addressed to a young woman on how to treat her enslaved women. This article presents the first translation of this text into Portuguese, accompanied by an introduction and a commentary, throughout which it argues that it (i) attests to the education of women by women, (ii) maintains that such education includes learning how to command enslaved women, (iii) proposes that enslaved and free women are equally human by nature, but (iv) distinguishes them according to social categories. Subsequently, it offers a critical analysis of the text, concluding that the system usually referred to as patriarchy has, from very early on, drawn a distinction between sex and gender, in such a way that the latter category applies only to free women.

**Keywords:** Theano, Pythagorean Pseudo-epigraph, Ancient Women Philosophers, Gender, Slavery

*Para Tessa Lacerda*

## 1. Introdução

Há nove cartas supérstites atribuídas a mulheres identificáveis como filósofas pitagóricas. Seis delas tratam de conselhos e/ou críticas à destinatária, constituindo-se, portanto, como documentos que atestam a existência de uma educação de mulheres por mulheres. Isso é relevante porque a tradição clássica estipulava que era o marido o responsável por educar sua esposa<sup>3</sup>, principalmente porque ela chegava muito jovem, em geral adolescente, ao casamento. É ao se incumbir de sua educação que ele poderia moldá-la de acordo com as suas próprias preferências. Parte importante desta educação consiste no que os antigos chamaram de *oikonomia*. Mais do que a administração do lar, a *oikonomia* é o saber sobre a organização de tudo o que pertence a alguém, incluindo, além dos bens materiais, os membros da família, os escravizados e os amigos. O documento que nos interessa aqui, *Theano a Calisto*, é uma carta parenética sobre como tratar as escravizadas.

Este artigo começa por explicar que tipo de documento é este, analisando questões sobre sua autoria, datação e gênero literário. Em seguida, apresenta uma tradução do texto, a primeira, até onde pude pesquisar, para o português, precedida do texto grego com um breve aparato indicando variantes das edições modernas. A tradução é acompanhada de um comentário textual que delineia alguns conceitos e reconstrói os argumentos a partir de uma contextualização histórica. Nas considerações finais, ele apresenta uma análise crítica da distinção de classe entre mulheres, que aponta para como a estrutura social chamada de patriarcado nunca tratou pessoas do sexo feminino como um único grupo social. A conclusão é de que a distinção entre livres e escravizados é mais fundamental do que a distinção sexual

---

<sup>3</sup> Para evidência da educação de esposas por maridos com a finalidade de que elas se adaptem à convivência com eles, cf.: “Case-se com uma jovem, para que ensines a ela hábitos diligentes” (παρθενικήν δὲ γαμεῖν, ὡς κ' ἥθεα κεδνὰ διδάξης Hesíodo, *Trabalhos e Dias*, 699, citado também em Pseudo-Aristóteles, *Econômico* 1, 1344a15-16); “Você se casou quando ela ainda era uma menina muito nova, que pôde ver e ouvir muito pouco? [...] Esses que você diz que têm esposas boas, Sócrates, foram eles mesmos que as educaram?” (“Εγημας δὲ αὐτὴν παῖδα νέαν μάλιστα καὶ ὡς ἐδύνατο ἐλάχιστα ἔωρακυῖαν καὶ ἀκηκουῖαν; [...] Οἶς δὲ σὺ λέγεις ἀγαθὰς εῖναι γυναῖκας, ὡς Σώκρατες, ἦ αύτοὶ ταύτας ἐπαίδευσαν; Xenofonte, *Econômico*, 3.13, 14).

e que a instituição da escravidão faz com que gênero seja uma categoria aplicável apenas a pessoas livres.

## 2. O documento

*Teano a Calisto* nos foi transmitida em manuscritos que trazem um grupo de três cartas atribuídas a Teano, sendo ela sempre a última e precedida por *Teano a Eubule*, que dá conselhos sobre como educar os filhos, e *Teano a Nicóstrate*, que aconselha sobre como se comportar na situação do adultério do marido.<sup>4</sup> O mais antigo manuscrito preservado desse grupo é o *Harleianus 5610*, uma compilação de textos copiados entre os séculos XIII e XIV. O corpus, no entanto, consta em outros vinte e dois manuscritos dos séculos XV e XVI, o que certifica que ele é bastante conhecido na Idade Média e na modernidade. Em um desses manuscritos, o *Chicago 103*, *Teano a Calisto* é transmitida com um subtítulo: *Sobre a administração das servas*<sup>5</sup> (Θεανοῦς καλλιστοὶ περὶ θεραπαίνων προστασίας ὑποθετική).

Um traço interessante deste grupo é o uso do grego ático, que contrasta com o uso do dórico em outros textos de filósofas pitagóricas.<sup>6</sup> O seu estilo e aspectos relevantes de seu conteúdo indicam que essas cartas provavelmente foram escritas entre o século I aec e o século II ec.<sup>7</sup> Städele (1980, p. 324-325), porém, vê *Teano a Calisto* como a mais antiga delas, datando-a de não antes do século II ec. Seu argumento se apoia no uso de um vocabulário imperial, com termos como παρθενοτροφεῖσθαι, ἐριουργία, ὑπομνηματογραφεῖται e ἔκρητω. Com isso, ela teria sido escrita por autor(a) posterior às duas outras, que imitaria o estilo delas para formar o tríptico de temas próprios à *oikonomia*: os filhos, o marido, os escravizados (cf. Huizenga, 2013, p. 44).

A evidência textual sobre a datação nos leva à controversa questão da autoria das cartas. Tanto Calisto, quanto Teano são nomes muito comuns na Grécia<sup>8</sup>, este último sendo o

<sup>4</sup> Para *Teano a Nicóstrate*, cf. Araújo 2023a. Além das duas acompanhantes de *Teano a Calisto*, há um grupo de quatro cartas transmitidas pelo manuscrito *Vaticanus Graecus 578*: *Teano a Eurídice*, *Teano a Timônides*, *Teano a Euclides* e *Teano a Rodope*.

<sup>5</sup> Por consistência, opto por traduzir θεράπανα por “serva” e reservar “escrava” para δούλη, notando que os dois termos se referem a um mesmo grupo de pessoas: mulheres que são posses da senhora e do senhor. Opto também por utilizar o termo “escravizada” quando me referir à situação dessas pessoas.

<sup>6</sup> Para o dórico como dialeto que atestaria uma datação mais antiga do texto, cf. Araújo, 2022, p. 65.

<sup>7</sup> Esta é a datação que, em geral, costuma-se atribuir ao gênero literário da pseudo-epígrafe pitagórica, cf. Zeller, 1868, p. 83-84; Thesleff, 1961, p. 106; Bonazzi, 2013, p. 385; Centrone, 2014, p. 315.

<sup>8</sup> Cf. *Lexicon of Greek Proper Names*, s.v. Teano, s.v. Calisto. Para Teano, cf. também Nagy, 1979.

nome de uma destacada pitagórica da comunidade de Crotona na transição do século VI para o século V aec, que, segundo boa parte das fontes, foi esposa de Pitágoras.<sup>9</sup> Já na Antiguidade, Teano de Crotona é reconhecida como filósofa e, segundo ao menos uma fonte, teria liderado a escola pitagórica após a morte de seu marido.<sup>10</sup> A datação de nosso documento, no entanto, é incompatível com uma autoria tão antiga quanto a de Teano de Crotona. Ademais, ainda que tudo que sabemos sobre a comunidade pitagórica do século VI seja bastante controverso, a notícia é de que as pessoas ali deveriam ter seus bens em comum<sup>11</sup>, o que indicaria que não haveria escravizados entre elas. Assim, o conteúdo de *Teano a Calisto*, marcado pela propriedade privada da casa e pela escravidão, faz com que rejeitemos a sua atribuição a Teano de Cronota.

Datação e conteúdo nos sugerem, ao contrário, que esse documento se insere no que se chama de neo-pitagorismo, ou seja, um renovado interesse por doutrinas pitagóricas no período helenístico e imperial, que, no caso da *oikonomia*, tem por traço a aplicação de conceitos tradicionalmente pitagóricos, como harmonia, ordem e consonância, à prática da gestão dos pertences em um contexto sócio-cultural escravocrata. Essa aplicação, por sua vez, se distingue por seu pragmatismo, muito distinto de uma metafísica das proporções que encontramos em autores antigos como Filolau e Arquitas.

Uma vez que estabelecemos que se trata de um texto neo-pitagórico, ainda restam duas possibilidades de interpretação sobre quem foi Teano. Há fontes que atestam que o reavivado interesse no pitagorismo deu origem a um mercado de falsificações de textos antigos, principalmente daqueles que compatibilizassem doutrinas antigas com questões contemporâneas.<sup>12</sup> Neste caso, o documento se classificaria como o que chamamos de textos pseudepígrafe. Por outro lado, é também plausível pensar que o neo-pitagorismo tenha criado suas próprias autoras e que nossa Teano fosse uma reputada educadora de mulheres ativa

<sup>9</sup> Diogenes Laércio, *Vidas*, 8, 42,1, Eusébio, *Preparação Evangélica*, 10, 14, 14, 3; Teodoreto, *Cura das enfermidades gregas*, II, 23.1-2, Jâmblico, *Vida Pitagórica*, 36.265, 5; Ateneu, *Banquete dos sábios*, 13, 71, 85-86; Júlio Pólux. *Onomástico*. 10.21.7 (ver abaixo); Suda, s.v. *Pitágoras*, pi 3120, 10-11, Suda, sv. *Teano*, theta 84, 1-2, *Escólio à República de Platão*, 600b9. Para não me repetir, remeto, para informações detalhadas sobre as fontes sobre Teano de Crotona, a Araújo 2023b.

<sup>10</sup> Cf. Eusébio, *Preparação Evangélica*, 10, 14, 14.3-15.1.

<sup>11</sup> Cf. Jâmblico, *Sobre a Vida Pitagórica*, 6.30.

<sup>12</sup> O interesse por falsificações pitagóricas é atestado por Olimpiodoro: “Assim Juba, o rei da Líbia, tornou-se um aficionado por escritos pitagóricos [...] e promoveu uma coleção deles por meio de recompensas em dinheiro. (οὕτως οὖν ἱοβάτης ὁ τῆς Λιβύης βασιλεὺς ἐραστής ἐγένετο τῶν Πυθαγορικῶν συγγραμμάτων [...] <καὶ> χρημάτων δωρεαῖς ἔσπευδον ταῦτα συναγαγεῖν, Olimpiodoro, *Comentário às Categorias de Aristóteles*, 1.13.13-16).

entre os períodos helenístico e imperial, sobre cuja vida não nos chegou nenhuma outra informação.<sup>13</sup> Ainda assim, essa Teano neo-pitagórica é autora de cartas cujo estilo é compatível com o título da obra que a *Suda* atribui a Teano, *Parêneses às Mulheres* (παρανέσεις γυναικεῖαι, Suda s.v. Θεανώ 1). Trata-se de uma esposa madura e experiente que serve de autoridade diante de leitoras de modo geral e jovens em particular.

Um outro ponto a se considerar em relação à autoria é como o gênero epistolar se consolidou na antiguidade. Cartas antigas não são correspondência privada. Ao contrário, supõe-se, por um lado, que elas eram lidas em voz alta, o que faz com que muitos de seus “leitores” fossem na verdade ouvintes e, portanto, não necessariamente pessoas alfabetizadas. Por outro lado, supõe-se que o seu conteúdo fosse ordinariamente reproduzido, seja oralmente, seja por escrito. Assim, cartas são o gênero preferido para apologias, críticas e admoestações de caráter público. Ao fazer-se ler e ouvir, o remetente assume uma posição de autoridade discursiva, mas o mais interessante é que essa posição não implica real autoria. Ao contrário, ler ou ouvir tais documentos pode ser um ato de recepção ficcional, tal como a plateia de um espetáculo teatral que espera ver em cena um personagem fictício.<sup>14</sup> É por isso que em geral se chama o gênero epistolar antigo de pseudopistografia. Assim, não é apenas como falsificação em função de um mercado editorial que *Teano a Calisto* pode ter falsa autoria, é porque isso é típico das cartas antigas.

Depois da transmissão pelos manuscritos, o texto de *Teano a Calisto* recebeu edição moderna feita por Wolf (1739, p. 231-235), Hercher (1873, p. 605-606), Thesleff (1965, p. 197-198) e Städele (1980, p. 174-179), cujo texto é citado e traduzido aqui, acompanhado de indicações sobre variantes nas edições anteriores no aparato. Traduções desta carta para o inglês se encontram em Allen (1985, p. 156-158), Lynn Harper (Waithe, 1987, p. 47-48), Plant (2004, p. 72), Huizenga (2013, p. 73-75) e Dutsch (2020, p. 249-251); em francês por Meunier (1932, p. 95-99); em italiano por Brancaccio (Montepaone, 2011, p. 49-55) e em alemão em Wieland (1796, p. 277-281, republicado em Nühlen, 2021, p. 217-218) e Brodersen (2010, p. 88-90).

---

<sup>13</sup> Para a defesa de uma segunda Teano, cf. Waithe, 1987, p. 41; Pomeroy, 2013, p. 41.

<sup>14</sup> cf. Rosenmeyer, 2001, p. 195-196, 198.

### 3. Texto e tradução

Θεανώ Καλλισττοῦ.

1. Ταῖς νεωτέραις ύμην ἡ μὲν ἔξουσία παρὰ τοῦ νόμου δέδοται τῶν οἰκετῶν ἄρχειν ἂμα τῷ γήμασθαι, ἡ δὲ διδασκαλία παρὰ τῶν πρεσβυτέρων ἀπαντᾶν ὀφείλει περὶ τῆς οἰκονομίας ἀεὶ παραινούντων. καλῶς γάρ ἔχει πρότερον μανθάνειν ἃ μὴ γιγνώσκετε καὶ τὴν συμβουλὴν οἰκειοτάτην τῶν πρεσβυτέρων ἡγεσθαι. ἐν τούτοις γάρ παρθενοτροφεῖσθαι δεῖ νέαν ψυχήν. ἀρχὴ δε ἐστιν οἴκου πρώτη γυναιξὶν ἀρχὴ θεραπαινῶν. ἔστι δέ, ᾖ φίλη, μέγιστον ἐπὶ δουλείᾳ εὔνοια. αὕτη γάρ οὐ συναγοράζεται τοῖς σώμασιν ἡ κτῆσις, ἀλλ' ἐξ ὑστέρου γεννῶσιν αὐτὴν οἱ συνετοὶ δεσπόται. 5
2. Δικαία δὲ χρῆσις αἰτία τούτου, ἵνα μήτε διὰ τὸν κόπον κάμνωσι μήτε ἀδυνατῶσι διὰ τὴν ἔνδειαν. εἰσὶ γάρ ἄνθρωποι τῇ φύσει. ἔνιαι δὲ κέρδος τὸ ἀκερδέστατον ἡγοῦνται, τὴν τῶν θεραπαινῶν κακουχίαν, βαρύνουσαι μὲν τοῖς ἔργοις, ὑποστελλόμεναι δὲ τῶν ἐπιτηδείων. εἴτα ὀβολιαῖα κέρδη περιποιούμεναι μεγάλοις ζημιοῦνται τιμήμασι, δυσνοίαις καὶ ἐπιβουλαῖς κακίσταις. σοὶ δὲ πρόχειρον ἔστω τὸ μέτρημα τῶν σιτίων πρὸς τὸν ἀριθμὸν τῆς ἐριουργίας τοῖς ἐφ’ ἡμέραν πόνοις. 10
3. Καὶ πρὸς μὲν τὴν δίαιταν οὕτως. πρὸς δὲ τὰς ἀταξίας τὸ σοὶ πρέπον, οὐ τὸ ἐκείναις συμφέρον ἔξυπερητητέον. τιμᾶν μὲν γάρ δεῖ θεραπαίνας τὸ κατ’ ἀξίαν. τὸ μὲν γάρ ὡμὸν οὐκ οἴσει τῷ θυμῷ χάριν, τὸ δὲ μισοπόνηρον οὐχ ἥπτον ὁ λογισμός βραβεύει. ἐὰν δὲ ἡ ὑπερβολὴ τῆς κακίας ἀνίκητος ἦ, ἐξοριστέον μετὰ πράσεως. τὸ γάρ ἀλλότριον τῆς χρείας ἀλλοτριούσθω καὶ τῆς κυρίας. ἔστω δε σοι γνώμη τοῦδε πρόεδρος, καθ’ ἣν γνώσῃ τὸ μὲν ἀληθὲς τῆς ἀμαρτίας πρὸς τῆς καταγνώσεως δίκαιον, τὸ δὲ τῶν ἡμαρτημένων μέγεθος πρὸς τὸ κατ’ ἀξίαν τῆς κολάσεως. 20
- 25

4. Δεσποτικὴ δὲ καὶ ἡ γνώμη [χάρις] ἐφ’ ἡμαρτημένοις ζη- 30  
 μίας ἀπαλλάττουσα. οὕτω δὲ καὶ τὸ πρέπον ἐπὶ τοῦ οἰκείου  
 κατὰ τὸν τρόπον διαφυλάξει. ἔνιαι γάρ, ὡς φίλη, ὑπ’ ὥμοτη-  
 τος καὶ μαστίζουσι τὰ τῶν θεραπαινῶν σώματα, θηριούμεναι  
 διὰ ζῆλον ἢ θυμόν, οἷον ύπομνηματογραφούμεναι τὴν ὑπερβο-  
 λὴν τῆς πικρίας. αἱ μὲν γὰρ ἀνηλώθησαν χρόνῳ διαπονούμεναι,  
 αἱ δὲ φυγῇ τὴν σωτηρίαν ἐπορίσαντο, τινὲς δὲ ἐπαύσαντο τοῦ  
 ζῆν αὐτόχειρι θανάτῳ μεταστᾶσαι, καὶ λοιπὸν ἢ τῆς δεσποίνης  
 μόνωσις ὁδυρομένης τὴν οἰκείαν ἀβουλίαν ἔρημον μετάνοιαν  
 ἔχει. 35
5. Ἄλλ’, ὡς φίλη, ἵσθι μιμουμένη τὰ ὄργανα, ἢ <δια>φωνεῖ 40  
 μάλλον ἀνειμένα, ἐκρήττεται δὲ μᾶλλον ἐπιτεινόμενα. καὶ  
 γὰρ ἐπὶ τῶν θεραπαινῶν ταύτον. ἢ μὲν ἄγαν ἀνεσις διαφωνί-  
 αν ἐμποιεῖ τῆς πειθαρχίας, ἢ δὲ ἐπίτασις τῆς ἀνάγκης διά-  
 λυσιν τῆς φύσεως. καὶ ἐπὶ τούτου δεῖ νοεῖν. μέτρον δ’  
 ἐπὶ πᾶσιν ἄριστον. [ἔρρωσο.] 45

1 Καλλισττοῖ] περὶ θεραπαινῶν προστασίας ὑποθετική *add.* Wolf 14 δὲ] τὸ *add.* Thesleff 21 ἐκείνοις Wolf ἔξυπερητητέον] (ἔστω ὑπερτερέον) *add.* Wolf 24 κακίας] τῶν θεραπαινῶν *add.* Hercher Thesleff 30 δεσποτικὰ Hercher δεσποτικαὶ Thesleff ἡ γνώμη Städele συγγνώμη καὶ Hercher Thesleff χάρις Wolf Hercher Thesleff 31 καὶ *seci.* Wolf καὶ τὸν οἰκεῖον Hercher Thesleff 32 κατὰ τὸν τρόπον Städele τρόπου Wolf τοῦ τρόπου Hercher Thesleff διαφυλάξεις Hercher Thesleff 40 ἀφωνεῖ Wolf διαφωνεῖ Hercher ἢ φωνεῖ Thesleff 42 διαφωνίαν Wolf Hercher 43 ἐμποιοῦσα Wolf 45 ἔρρωσο *seci.* Wolf.

### Teano a Calisto

1. A vocês mais jovens, a autoridade de comandar as pessoas da casa é concedida, segundo o costume, no momento de se casar. Porém, é útil que o ensino de todos esses temas seja concedido pelas mais velhas, que sempre orientam sobre a administração dos pertences. [5] Assim, é melhor primeiro aprender o que vocês não conhecem e seguir os conselhos das mais velhas, que são os mais apropriados. Nesses

assuntos é preciso que uma alma jovem seja educada desde a infância. O primeiro comando que as mulheres têm na casa é o comando sobre as servas. O mais importante em relação à escravaria, minha querida, é a benevolência, porque essa posse não se compra [10] junto com os corpos, ao contrário, são os senhores inteligentes que posteriormente produzem-na.

2. A causa [da benevolência da escravaria] é o justo uso, a fim de que não sejam exauridas devido à labuta, nem incapacitadas devido à privação. Elas são seres humanos por natureza. Há aquelas que entendem que o proveito vem do que é mais deletério: [15] os maus-tratos às servas, oprimindo-as com tarefas e restringindo os víveres. Ao tirarem proveito de migalhas, essas mulheres sofrem prejuízos enormes, vindos das piores malevolências e conspirações. Que você, ao contrário, sempre ofereça uma retribuição em alimentos correspondente à quantidade de esforço diário na tecelagem.
3. [20] Isso basta quanto à rotina. Já em relação à indisciplina, é preciso que se proporcione sobretudo o que é adequado a você, e não o que convém a elas. Para isso, há que se conferir distinção às servas segundo o valor de cada uma delas. A残酷 não há de levar à gratidão no coração, e o cálculo arbitra melhor do que a hostilidade: caso seja impossível vencer a excessiva vileza, basta que se as mande embora [25] vendidas. Se o serviço delas é para outrem, a autoridade sobre elas deve ser de outrem. Que em você a sensatez presida: com ela, você há de determinar a verdade do delito por meio de um julgamento justo e a uma punição merecida em função de gravidade do delito.
4. [30] A sensatez da senhora também desobriga a punição dos erros. É assim também que ela cuida adequadamente do que é propício ao que lhe pertence. Isso porque há aquelas, minha querida, que, por残酷, chegam a açoitar os corpos das servas, bestializando-se na raiva ou no ciúme, como se quisessem deixar grafada a memória de seu excessivo amargor. Com o tempo, algumas se acabam de tanto penar, [35] outras encontram salvaguarda na fuga, e algumas deixam de viver, encontrando a morte pelas próprias mãos. Resta, enfim, a solidão da senhora que se lamenta pela sua própria imprudência em um arrependimento desolador.

5. [40] Saiba, minha querida, que, ao contrário disso, [a senhora] é semelhante aos instrumentos: eles desafinam quando frouxos demais e se quebram quando tensionados demais. O mesmo vale para as servas: a frouxidão excessiva faz com que desafinem na obediência à autoridade, o tensionamento da força faz dissolver a natureza. Sobre isso é preciso ter em mente que a medida [45] é o melhor em tudo. [Seja firme].

#### 4. Comentários textuais

*Teano a Calisto* não abre com uma saudação (1.1), como é usualmente o caso no grupo de cartas atribuídas a mulheres pitagóricas. Tampouco é usual a expressão de despedida ao final (5.45). Essas podem ser marcas se sua posição de última carta do trio: ela dispensa saudação porque já foi introduzida e se despede por todas as demais (cf. Huizenga 2013, p. 35).

Tudo começa ao sermos introduzidos a um diálogo marcado pela distinção etária (1.2-5). A destinatária é incluída no grupo das jovens, descritas como aquelas que não conhecem e têm que aprender. Como mencionado, isso reflete a idade muito precoce em que o casamento acontecia e a súbita responsabilidade que era depositada nas adolescentes.<sup>15</sup> A remetente, por sua vez, situa-se no grupo das mais velhas cujos conselhos devem ser seguidos, plausivelmente porque já receberam essa educação que, diz a carta, deve ser obtida na juventude (1.7). A leitura da carta mimetiza um diálogo em que somos imediatamente identificados à mulher mais jovem e passamos a ser educados por Teano.

---

<sup>15</sup> Dutsch (2020, p. 177, 194) vê um caráter estoico no tipo de ensinamento de Teano, com traços sobretudo do pensamento de Musônio Rufo e Sêneca. Seu ponto é que ela rejeita os estereótipos de fraqueza feminina, atribuindo, ao contrário, grande responsabilidade às mulheres. Não vejo no texto uma rejeição da tese da fraqueza feminina e a responsabilidade feminina é claramente justificada pelos costumes (*τοῦ νόμου*, 1.3). Ademais, de um modo geral, a literatura grega clássica usa exatamente os argumentos sobre fraqueza feminina para justificar a responsabilidade por tarefas domésticas: “A mim parece que, tendo a mulher por natureza um corpo menos capaz para tais tarefas, o deus lhe impôs as tarefas domésticas” (*τῇ δὲ γυναικὶ ἡττον τὸ σῶμα δυνατὸν πρὸς ταῦτα φύσας τὰ ἔνδον ἔργα αὐτῇ, φάναι ἔφη, προστάξαι μοι δοκεῖ θεός*. Xenofonte, *Econômico*, 7.23) “[O deus] os fez mais fortes e as fez mais fracas a fim de que, devido ao medo, elas fossem mais cuidadosas e, devido à coragem, elas fossem mais preparados ao enfrentamento, também a fim de que eles provesssem o que vem do exterior e elas preservassem as coisas do interior [da casa].” (*τὸ μὲν γὰρ ισχυρότερον, τὸ δ' ἀσθενέστερον ἐποίησεν, ἵνα τὸ μὲν φυλακτικώτερον ἢ διὰ τὸν φόβον, τὸ δ' ἀμυντικώτερον διὰ τὴν ἀνδρείαν, καὶ τὸ μὲν πορίζη τὰ ἔξωθεν, τὸ δὲ σώζῃ τὰ ἔνδον*. Pseudo-Aristóteles, *Econômico 1*, 1343b30-1344a3).

O primeiro parágrafo introduz o tema da carta. Ele indica que o conteúdo dessa educação de mulheres por mulheres é a *oikonomia*, a administração dos pertences (1.3-4), que neste caso será restrita ao que é dito ser princípio primeiro dessa tarefa: o comando das pessoas da casa e, em particular nesta carta, o comando das servas (1.7-9).<sup>16</sup> Neste quesito, o mais importante fator a ser conquistado é a benevolência delas (1.8-9).<sup>17</sup> Esse é um desafio que se impõe ao senhor e à senhora da casa, uma vez que o dinheiro que compra o seu corpo não compra esse tipo de motivação (1.9-11). O que se confirma nessa declaração é que a relação entre senhora e escravizadas é de partida conflituosa, indicando que ninguém quer viver escravizado.

O segundo parágrafo introduz a regra de ouro para se obter a benevolência das servas: gerar nelas a percepção de estarem sendo usadas de modo justo (2.12). É tradicional aos tratados de *oikonomia* descrever escravizados como instrumentos que são usados<sup>18</sup>, não tão usual, no entanto, é reivindicar que deve haver justiça nesse uso, o que parece ser uma marca de textos helenísticos e imperiais.<sup>19</sup> Outra singularidade da carta de *Teano a Calisto* é anunciar

<sup>16</sup> O termo οἰκέτης tem um sentido geral que denota todas as pessoas da casa, e um mais específico que denota apenas os servos. Harper (in Wainwright, 1987, p. 50) aponta a importância do sentido mais geral, que aproxima a condição das escravizadas da própria condição da senhora da casa. Como argumentarei abaixo, essa aproximação está ausente da carta. Ainda assim, entendo que a tarefa da senhora seja de administrar todas as pessoas mesmo, o que inclui a educação dos filhos e a realização das vontades do marido. Tendo enunciado esse ponto geral, todavia, Teano passa a discutir apenas a questão das servas, de modo que a distinção entre o sentido geral e o específico para a ser de pouca importância.

<sup>17</sup> Montepaone (1999, p. 242-243) aponta que o uso do conceito εὔνοια, benevolência, conecta Teano a Aristóteles, mas este é um conceito importante na pseudo-epígrafe pitagórica: “[a boa-ordem ocorre na] benevolência do servo ao senhor e no cuidado do senhor pelo bem-estar do servo” (οἴκετᾶν δὲ ποτὶ δεσπότας εὔνοια, δεσποτᾶν δὲ ποτὶ θεράποντας καδεμονίᾳ: Eccolo, *Sobre a Justiça* In Estobeu, *Antologia*, 3.9.51.15-16).

<sup>18</sup> A ideia de que pessoas escravizadas não só são posses de seus proprietários, mas também instrumentos na realização de tarefas domésticas, já havia sido claramente estabelecida por Aristóteles: “O escravo é uma propriedade animada e todo servo é como um instrumento anterior aos demais instrumentos” (ὁ δοῦλος κτῆμά τι ἔμψυχον, καὶ ὥσπερ ὄγρανον πρὸ ὄγράνων πᾶς ὑπηρέτης. Aristóteles, *Política*, 1255b32-33).

<sup>19</sup> A reivindicação de certos padrões de justiça em relação a escravizados aparece em tratados de período helenístico: “O convívio com os escravos deve ser sem abusos e descontrole” (Ομιλία δὲ πρὸς δούλους ὡς μήτε ὑβρίζειν ἔαν μήτε ἀνένειν, Pseudo-Aristóteles, *Econômico* 1, 1334a29-30). “Portanto um homem deve proteger seus servos como protege seus membros, e isso envolve pensar neles de dois modos: primeiramente a espécie que o une a eles; em segundo lugar, o que eles sofreram. Se ele pensa sobre a sua espécie, percebe que os servos são pessoas como ele, capazes de compreender o que ele comprehende, de pensar sobre o que ele pensa, de desejar o que ele deseja, de odiar o que ele odeia.” (Brison, *Econômico*, 62, tradução para português da tradução do árabe ao inglês de Swain, 2013, p. 12). “Busque não cometer injustiça com as pessoas da casa, e nem puni-las quando com raiva” (οἰκέτας πειρῶ μὴ ἀδικεῖν μηδὲ ὄργιζομένη κολάσης Porfírio, *Carta a Marcela*, 35.1). Porém, a questão permanece controversa na pseudo-epígrafe pitagórica: “O comando do senhor visa o que convém a ele próprio, e não aos comandados, pois é com o mesmo comando que o senhor comanda os escravos que o tirano comanda seus súditos” (καὶ δεσποτικὰ μὲν ἀ τῶ iδίω συμφέροντος ἄρχοισα, ἀλλ' οὐ τῶν ἀρχομένων· ταύταν γὰρ ἄρχει τὰν ἀρχὰν ὁ μὲν δεσπότας τῶν δούλων, ὁ δὲ τύραννος τῶν ὑποτεταγμένων, Calicrátidas, *Sobre a Felicidade do Lar* In Estobeu, *Antologia*, 4.27.17.3-6).

de partida que livres e escravizados são seres humanos por natureza (2.13-14). Por mais que isso hoje possa nos parecer uma verdade indiscutível, a antiguidade (e não só ela) debateu se certas características físicas e mentais seriam suficientes para distinguir alguém como escravo por natureza.<sup>20</sup> Nesse cenário, Teano define a escravidão como uma instituição fundada em costumes, plausivelmente no costume de que a vitória na guerra permite a escravização dos perdedores.<sup>21</sup>

A relação entre tratamento justo e benevolência das escravizadas está longe de ser óbvia, uma vez que é bem plausível supor que, aos olhos delas, a injustiça de sua condição seja suficiente para não cooperar com os senhores. Para promover nas servas a percepção de seu justo uso, é preciso tomar dois tipos de atitude: evitar o vício das senhoras (parágrafos 2 e 4) e os das servas (parágrafo 3). O vício das senhoras aparece por meio do exemplo negativo: aquelas que pensam obter seu bem da prática do mal. No parágrafo 2, essa prática consiste em maus tratos rotineiros de escravizadas e, no parágrafo 4, na punição à indisciplina das servas. Os maus tratos consistem em dois extremos: exaurir por labuta e incapacitar por privação (2.12-13), adiante reformulados como oprimir<sup>22</sup> com tarefas e restringir os víveres (2.15-16). Em outras palavras, trata-se de, por um lado, imposição de trabalhos pesados e muito tempo de esforço e, por outro, privação do descanso adequado, subnutrição, falta de utensílios adequados, etc. Para evitar esse tipo de abuso, o justo uso parece se definir como um equilíbrio ou meio-termo entre o que precisa ser fornecido e o que pode ser exigido, ou ainda, como uma regra mínima de preservação do corpo dessas pessoas. Que se trata de pouco pode ser verificado na afirmação de Teano de que maus tratos são “proveito de migalhas” (2.16) que causam um prejuízo muito maior porque, ao fim e ao cabo, geram

<sup>20</sup> As posições sobre a identidade de natureza entre senhores e escravos são diversas: “Por natureza o escravo é um ser humano que não é de si mesmo, mas é de outrem, isso é o que um escravo é por natureza” (ο γὰρ μὴ αὐτοῦ φύσει ἀλλ' ἄλλου ἄνθρωπος ὁν, οὗτος φύσει δοῦλός ἐστιν, Aristóteles, *Política*, 1254a14-15) “O escravo por natureza tem um corpo forte e suporta o esforço. Ele não tem discernimento [do bem e do mal] por si próprio e não há sinal de inteligência nele exceto à medida que obedece a outrem, mas sem atingir o ponto de ser capaz de se administrar. Em natureza é semelhante às feras, de que os homens dispõem como querem. Se alguém for assim, mesmo se livre, o melhor para ele é ter um senhor para administrá-lo” (Brison, *Econômico*, 57, tradução para português da tradução do árabe ao inglês de Swain, 2013, p. 11). “São escravos. Mas de fato são seres humanos” (Serui sunt. Immo homines, Sêneca, *Carta 47. 1*).

<sup>21</sup> O padrão cultural é de que a guerra permite a apropriação das pessoas vencidas: “Há um escravo e uma escravidão por costume. Esse costume é uma certa concordância que diz que o que é conquistado em guerra é dos conquistadores” (ἔστι γάρ τις καὶ κατὰ νόμον δοῦλος καὶ δουλεύων· ο γὰρ νόμος ὅμολογία τις ἐστιν ἐν ᾧ τὰ κατὰ πόλεμον κρατούμενα τῶν κρατούντων εἶναι φασιν. Aristóteles, *Política*, 1255a6-7).

<sup>22</sup> O verbo oprimir βαρύνω (2.15) que tem também os sentidos mais físicos de “puxar para baixo”, “fazer pesado”, “comprimir”, “exaurir”.

conspirações das escravas contra a senhora, que nada mais são do que resultado da sua malevolência, o oposto do fator mais importante a se obter na tarefa de comando, a benevolência dos comandados.

No que diz respeito à rotina diária (*πρὸς μὲν τὴν δίαιταν*, 3.20) – identificada com a tarefa da tecelagem –, a justiça no uso das escravizadas define-se, portanto, como retribuição proporcional. Maus tratos produzem uma relação custo/benefício negativa e devem ser evitados pela regra de ouro de gerar a percepção do uso justo. A proposta de que o pagamento em alimento que corresponda a esforço diário (2.18-19) não só é suficiente para evitar os maus tratos, como, por inferência, é a causa da benevolência das escravizadas. Se, por um lado, o justo uso é definido em termos de certo meio-termo entre o fornecido e o exigido, por outro, seus parâmetros são estritamente fisiológicos: é preciso fornecer nutrição e restauração das forças corpóreas.<sup>23</sup> Essa garantia de um patamar mínimo de sobrevivência dificilmente poderia ser identificada como a causa da benevolência das escravizadas, se por benevolência pudermos supor – o que me parece razoável – uma retribuição moral de quem recebe um benefício a quem o proporcionou. A identificação do justo à permissão da manutenção funcional do corpo é uma redução do valor moral à simples sobrevivência.

Se Teano vê que uma tal garantia de sobrevivência pode ser suficiente para a benevolência das escravizadas é porque, eu proponho, há um contexto social em que, relativamente às outras opções delas – ou seja, às outras senhoras que poderiam servir –, elas preferiram a sua situação atual. O conselho de Teano só funciona em um contexto de terror, que é criado pela própria carta ao fazer circular as terríveis histórias de maus tratos e punições exemplares por senhoras perversas (2.14-16, 4.32-35). Calisto (e nós que somos colocados na posição de destinatários) deve ser esperta o suficiente para fazer essas histórias circularem com alto grau de violência gráfica, mantendo suas servas bem informadas sobre o horror das alternativas que lhe estão disponíveis. Nesse sentido, é bem plausível que a insistência na

---

<sup>23</sup> Alguns dos tratados helenísticos mencionados indicam a preservação da força física dos escravizados como dever dos senhores: “Não é possível comandar sem oferecer retribuição, e a retribuição do escravo é a nutrição” (*ἀμίσθων γὰρ οὐχ οἶον τε ἄρχειν, δούλῳ δὲ μισθὸς τροφή*, Pseudo-Aristóteles, *Econômico* 1, 1344b3-4). “É preciso designar períodos de descanso aos escravos. Pois se faz-se com que o escravo realize tarefa após tarefa e seja sobre carregado com trabalho após trabalho sem descanso, ele ficará desgastado demais para trabalhar, mesmo quando queira fazê-lo” (Brison, *Econômico*, 66, tradução para português da tradução do árabe ao inglês de Swain, 2013, p. 12).

descrição da violência da senhora seja evidência de que a carta foi redigida para ser lida em voz alta e ouvida também pelas próprias servas.

Isso nos leva à questão da indisciplina dessas servas (*πρὸς δὲ τὰς ἀταξίας*, 3.20-21), tema do parágrafo 3. Se a virtude da senhora para com a escravizada se faz como o meio termo entre excesso (de esforço) e privação (de nutrientes), a virtude da escravizada para com a senhora é atingir um fim pré-determinado, i.e. providenciar o que for apropriado à senhora (3.20-21). Com essa formulação funcional, as servas devem ser reconhecidas por distinções quando se destaquem em realizar tal fim. Essa retribuição positiva seria, ao contrário da manutenção da sobrevivência, um recurso motivacional que plausivelmente estimularia a benevolência.<sup>24</sup> É assim que Teano sugere o cálculo estratégico em detrimento da crueldade (3.23-24), que não leva à gratidão. Esse mesmo cálculo deve se aplicar às escravizadas que se demonstram vis de modo irreparável (3.24-25): ao invés do ódio e de punições violentas, que de resto podem ser ineficazes, o cálculo indica que é melhor vendê-las. Como justificativa para a venda, Teano oferece uma formulação com formato de máxima (3.25-26): se elas já estão servindo a outra pessoa (que não a senhora a quem deveriam servir), que se as mande a outrem. Mais uma vez, é plausível que a menção à venda tenha como propósito ameaçar as escravizadas que ouçam ou leiam esta carta. Já as escravizadas que não são vis, mas ainda assim cometem erros ou pequenos delitos, devem ser julgadas com sensatez, o que envolve apurar a verdade do delito e atribuir-lhe punição segundo o seu grau de gravidade (3.26-29). Ademais, a sensatez também aconselha que alguns erros sequer sejam punidos, demonstrando clemência (4.30). Mais uma vez, temos que a virtude da senhora consiste na retribuição justa, dessa vez em termos de desempenho ao invés de garantia de sobrevivência.

Esse padrão de retribuição também se opõe a um modelo de conduta viciosa: as senhoras que açoitam escravizadas com raiva e ciúme (4.32-35).<sup>25</sup> Ao declarar que esse tipo de atitude degenera as próprias senhoras, que se bestializam (4. 33-34), Teano reitera um

---

<sup>24</sup> Estratégias de motivação diferenciadas são encontradas nos tratados de *oikonomia*, a mais interessante delas no tratado *Econômico I*, plausivelmente de autoria de Teofrasto: “É útil estabelecer um propósito para tudo aquilo: é justo e conveniente que ele se proponha a libertação. Quando se determina um momento em que receberão este prêmio, [os servos] vão querer se esforçar.” (*Χρὴ δὲ καὶ τέλος ὠρίσθαι πᾶσιν δίκαιον γὰρ καὶ συμφέρον τὴν ἐλευθερίαν κεῖσθαι ἄθλον. Βούλονται γὰρ πονεῖν, ὅταν ἦ ἄθλον καὶ ὁ χρόνος ὠρισμένος.* Pseudo-Aristóteles, *Econômico I*, 1344b15-17).

<sup>25</sup> A menção ao ciúme pode indicar o costume de senhores de empregarem suas escravizadas em funções sexuais.

tópico tradicional na doutrina pitagórica: nunca fazer nada com raiva.<sup>26</sup> Por outro lado, na vertente pragmática típica da carta, essas senhoras promovem o seu próprio prejuízo, uma vez que as servas submetidas a esse tratamento violento ou deterioram seu próprio corpo até o fim, ou tentam fugir ou, em extremo, tiram a sua própria vida (4.35-37). A administração da benevolência das escravizadas é a fórmula para mantê-las e evitar que a senhora acabe só (4.37-39), tendo de se ocupar ela mesma das tarefas, o que compromete os seus pertences. Ela haverá de se arrepender.

Apesar de a virtude das escravizadas ter sido definida como funcional, o quinto parágrafo retoma a tese de que senhoras e escravas compartilham a mesma natureza para concluir que para ambas a virtude é a mesma (5.40-42): encontrar uma medida entre extremos.<sup>27</sup> Entender a dupla descrição da virtude de escravizadas é importante para expor a falácia do argumento que pretende concluir que pode haver uma versão justa da escravidão. A medida entre extremos é aqui apresentada segundo uma metáfora tradicionalmente pitagórica: a da afinação das cordas de instrumentos musicais (5.40-41). A afinação adequada não está nem na frouxidão, nem no tensionamento excessivo. Pela aplicação da metáfora, senhoras violentas geram tensão excessiva nas escravas, que acabam por perder sua força de trabalho e se destruir; senhoras complacentes acabam por ter escravas indisciplinadas, que não cumprem sua função, conspiram contra a senhora, fogem ou se matam. Vê-se que os extremos para as escravizadas são a aniquilação da própria vida, por um lado, e a resistência à escravidão, por outro. Com isso, o meio termo das escravizadas não é dado por uma posição prudente, mas exatamente pelo cumprimento da sua função.<sup>28</sup> Assim, se por um lado Teano

<sup>26</sup> “Nada dizer, nem fazer quando com raiva” (ἐν ὄργῃ μήτε τι λέγειν μήτε πράσσειν, Diógenes Laércio, *Vidas*, 8.23). “Diz-se o seguinte dos Pitagóricos: que nenhum deles jamais puniu um servo ou censura uma pessoa livre quando tomado de raiva, mas que cada um deles esperava até que o seu pensamento fosse restabelecido (chamavam essa censura de reparada) (λέγεται δὲ καὶ τάδε περὶ Πυθαγορείων, ὃς οὕτε οἰκέτην ἐκόλασεν οὐθεὶς αὐτῶν ὑπὸ ὄργῆς ἔχόμενος οὕτε τῶν ἐλευθέρων ἐνουθέτησέ τινα, ἀλλὰ ἀνέμενεν ἔκαστος τὴν τῆς διανοίας ἀποκατάστασιν (ἐκάλουν δὲ τὸ νουθετεῖν πεδαρτᾶν), Jâmblico, *Sobre a Vida Pitagórica*, 31.197-198).

<sup>27</sup> Nühlen (2021, p. 218), supondo que a carta é bem anterior, podendo ser datada do século IV aec, entende que esse meio-termo entre extremos seria uma antecipação, em Teano, da doutrina de Aristóteles. Trata-se, ao contrário, de uma interpretação neo-pitagórica que conecta a teoria aristotélica da virtude como meio entre extremos com a noção tradicionalmente pitagórica de consonância.

<sup>28</sup> Huizenga (p. 75 n. 274) sugere que são as escravizadas que são comparadas a instrumentos na linha 5.40, uma vez que a caracterização de escravos como ὄργανα é tradicional desde Aristóteles (*Política*, 1254a), além do que, lê ἵσθι como o imperativo presente do verbo εἰμί, ao invés imperativo perfeito do verbo οἶδα. Isso gera uma grande confusão no texto pois, quanto ao primeiro ponto, é apenas na linha 5.42 que as servas serão incluídas na comparação, e, quanto ao segundo, não se trata de se tornar um instrumento que é frágil ou tensionado demais, mas de saber que essa é a condição humana.

declara que senhoras e escravas pertencem à mesma espécie, e tenta argumentar que por isso o seu vício e a sua virtude são os mesmos, por outro, ao estabelecer que a finalidade das escravizadas é realizar a conveniência da senhora e não a sua própria, ela se contradiz, impondo uma distinção social que impede qualquer reivindicação de igualdade com base na espécie.<sup>29</sup>

Essa contradição culmina em uma conclusão que expõe a contradição de um neopitagorismo que tenta aplicar princípios pitagóricos a uma realidade social estratificada. O conselho final (5. 44-45) – “a medida é o melhor em tudo” – é uma máxima típica do pitagorismo. Nos *Versos de Ouro* atribuídos a Pitágoras, mas também provavelmente espúrios, lemos a admoestaçāo: “Nem seja servil. A medida é o melhor em tudo. / Aja assim e não terás dano” ( $\mu\eta\delta'$  ἀνελεύθερος ἵσθι. Μέτρον δ' ἐπὶ πᾶσιν ἄριστον/ πρᾶσσε δὲ ταῦθ', ἢ σε μὴ βλάψε,

[Pitágoras], *Versos de Ouro*, 38-39). A citação conecta a máxima sobre a medida à resistência ao servilismo e ao exercício da liberdade. A virtude da medida é uma virtude prudencial dos que têm escolha, ela não é dada aos que não têm alternativa senão a obtenção de uma finalidade alheia. Nesse sentido, *Teano a Calisto* mostra como a retórica de uma justa administração de pessoas se subordina aos fins da administradora.

## 5. Mulheres e escravidão

Como já evidente, *Teano a Calisto* não faz qualquer objeção à instituição da escravidão, ao contrário, toma-a como dada, como aliás a quase totalidade dos escritos de seu tempo. Esta não é a única carta de Teano a tratar da função da senhora. No *Onomástico* de Júlio Polux, lemos uma referência a outra carta, de resto totalmente perdida, que diz:

τὸ κοινότατον τουτὶ καὶ μᾶλλον τεθρυλημένον, τὸν οἰκοδεσπότην καὶ  
τὴν οἰκοδέσποιναν, οὐκ ἀποδέχομαι μὲν τοῦνομα, ὡς δὲ ἔχης εἰδέναι,

---

<sup>29</sup> Harper (in Waithe, 1987, p. 49-50) entende que há em *Teano a Calisto* uma tensão entre a função de senhora da casa e a compreensão de que as escravizadas são significativamente como ela, isso porque, apesar de insistir na subserviência, Teano também enfatiza o papel do desejo das escravizadas ao insistir na importância da sua benevolência. Harper enfatiza a proximidade entre senhoras e escravizadas supondo uma empatia de senhoras que, a seu ver, também se sentiam oprimidas. Eu não vejo essa empatia na carta. O ponto de Teano é sobre a identidade da espécie, não sobre qualquer traço comum de opressão. A meu ver, não se trata de uma tensão causada por afinidade, mas de uma contradição intrínseca a um discurso que visa atribuir justiça à instituição da escravidão.

μηνύω σοι ὅτι καὶ ταῦτα ἄμφω εὔρον ἐν Θεανοῦς τῆς Πυθαγόρου γυναικὸς ἐπιστολῇ πρὸς Τιμαρέταν γραφείσῃ.

Não aceito, como você sabe, esses nomes ordinários e bem vulgares, o “senhor da casa” e a “senhora da casa”. Lembro-lhe que ambos são encontrados na carta que Teano, a esposa de Pitágoras, escreveu a Timareta.  
 (Julio Pólux, *Onomástico*, 10.21.7)

É difícil dizer qualquer coisa sobre a carta de *Teano a Timareta*, além do fato que o próprio Pólux tem objeções à denominação de “senhores da casa”. Que objeções são estas, não conseguimos saber. Uma hipótese é que ele rejeite o tipo de classificação conceitual empreendida por *Teano a Calisto*, que, como vimos, distingue senhoras e escravizadas do ponto de vista de suas virtudes e vícios. Se isso for plausível, então a contradição que apontei acima – entre a identidade de natureza e a diferenciação social – foi percebida já na antiguidade. Eu gostaria de extrair algumas considerações sobre ela.

Oisek e MacDonald (2006, p. 96) sugerem que em certos contextos escravocratas, gênero é um tipo de distinção que não se aplica a escravizados, ou seja, escravizadas podem ter o sexo feminino, mas não o gênero feminino, uma vez que não lhes é dado se comportar “como uma mulher”. É exatamente isso, “como se comportar como uma mulher livre”, que Teano ensina a Calisto, o que Wilhelm (1915, p. 186) chama de “Weiblichkeit”, feminilidade. Assim, *Teano a Calisto* é um documento muito interessante sobre o que hoje chamamos questões de gênero.

Em primeiro lugar, ele supõe que gênero não é sexo, e que aprender a ser mulher é algo possível apenas a pessoas livres. Há aqui um fator linguístico interessante uma vez que γυνή designa tanto um gênero, quanto um estado civil, a esposa. Bem entendido: esposa é aquela cuja classe social permite que sua família negocie o seu casamento como uma forma de preservação da riqueza. Mulheres são portanto aquelas que se casam e administraram suas casas.

Em segundo lugar, ele documenta o modo como essas mulheres livres já reivindicavam para si a tarefa social dessa educação, tomando-a das mãos dos maridos. Teano argumenta enfaticamente pela importância de atribuir às mulheres mais velhas a educação das meninas desde a infância para que elas se tornem senhoras.

Em terceiro lugar, dada dinâmica de transmissão e recepção das cartas na antiguidade, ele se apresenta também como uma forma de educação – se é que essa palavra pode ser usada com este sentido – de escravizadas. A disseminação de histórias sobre senhoras violentas, que exaurem os corpos e açoitam suas escravizadas, contribui, de um lado, para legitimar a reputação de justiça de senhoras que oferecem retribuição em alimento e em mérito aos trabalhos realizados e, por outro, para motivar as escravizadas a se reconhecerem “privilegiadas” em pertencerem a esta casa e não a outra. Enquanto peça retórica, *Teano a Calisto* visa gerar, por si mesmo, a benevolência das escravizadas que é tão central para uma boa administração dos pertences.

Finalmente, ele determina a categoria social dos escravizados como distinta das mulheres. É sempre em relação às escravizadas que o texto usa o vocabulário da opressão, em especial devido às senhoras violentas. Isso demonstra que escravizadas não aprendem a ser mulheres, elas aprendem a servir o propósito da senhora, não sendo, portanto, parte do gênero feminino. A instituição da escravidão é primeira em relação à distinção de gênero, ou seja, são apenas as pessoas livres que podem aprender a ser mulher.<sup>30</sup>

## Referências

- ALLEN, P. *The concept of woman*. Montreal: Eden, 1985.
- ARAÚJO, C. Fíntis e a moderação feminina. *Phoînix*, 28, 2, 64-79, 2022.
- ARAÚJO, C. Teano a Eurídice e Nicóstrate. *Enunciação*, 8, 150-175, 2023a.
- ARAÚJO, C. Os Fragmentos Metafísicos de Teano. In: Admar Costa; Cristiane A. de Azevedo (org.). *O Pensamento Antigo à Luz do Amanhã*. Rio de Janeiro: Nau, 2023b, 9-28.
- BONAZZI, M. Eudorus of Alexandria and the Pythagorean Pseudepigrapha. In: Gabriele Cornelli, Richard McKirahan, and Constantinos Macris (org.) *On Pythagoreanism*. Berlin: Walter De Gruyter, 2013, 385–404.
- BRODERSEN, K. *Theano: Briefe einer antiken Philosophin*. Stuttgart: Reclam, 2010.
- CENTRONE, B. The Pseudo-Pythagorean Writings. In: Carl A. Huffman (org.) *A History of Pythagoreanism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014, 315–40.

---

<sup>30</sup> Este texto se beneficiou das discussões que tive com os participantes do seminário *Oikonomia e a educação filosófica de mulheres*, ocorrido no primeiro semestre de 2025 no Colégio Brasileiro de Altos Estudos. Gostaria de agradecer pela interlocução de todos/as os/as participantes do seminário e em especial a Vitor Milione, com quem tive a alegria de compartilhar a condução das aulas.

- DUTSCH, D. M. *Pythagorean Women Philosophers: Between Belief and Suspicious.* Oxford: Oxford University Press, 2020.
- HERCHER, R. *Epistolographoi hellenikoi.* Paris: A.F. Didot, 1873.
- HUIZENGA, A. B. *Moral Education for Women in the Pastoral and Pythagorean Letters.* Leiden: Brill, 2013.
- MEUNIER, M. *Femmes pythagoriciennes.* Paris: L'Artisan du livre, 1932.
- MONTEPAONE, C. Le donne serve nella precettistica pitagorica: la lettera di Teano a Callisto, giovane sposa. In: Francesca Reduzzi Merola; Alfredina Storchi Marino (org.). *Femmes esclaves: modèles d'interprétation anthropologique, économique, et juridique.* Nápoles: Jovene, 1999, p. 237-249.
- MONTEPAONE, C. *Pitagoriche: scritti femminili di età ellenistica.* Bari: Edipuglia, 2011.
- NAGY, B. The naming of Athenian girls: a case in point. *Classical Journal*, 74, 1979, 360-364.
- NÜHLEN, M. *Philosophinnen der griechischen Antike.* Wiesbaden: Springer, 2021.
- OISEK, C; MACDONALD, M. Y. *A woman's place: house churches in earliest Christianity.* Minneapolis: Fortress, 2006.
- PLANT, I. M. *Women Writers of Ancient Greece and Rome: An Anthology.* Norman: University of Oklahoma Press, 2004.
- POMEROY, S. *Pythagorean Women: Their History and Writings.* Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2013.
- ROSENMEYER, P. A. *Ancient Epistolary Fictions: The Letter in Greek Literature.* Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- STÄDELE, A. *Die Briefe des Pythagoras und der Pythagoreer.* Meisenheim am Glan: Hain, 1980.
- SWAIN, S. *Economy, family and society from Rome to Islam.* Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- THESLEFF, Holger. *Introduction to the Pythagorean texts of the Hellenistic period.* Åbo: Åbo Akademi, 1961.
- THESLEFF, H. *The Pythagorean texts of the Hellenistic period collected and edited.* Åbo: Åbo Akademi, 1965.

- WAITHE, M. E. *A History of Women Philosophers: Vol. 1, Ancient Women Philosophers, 600 B.C.–500 A.D.* Dordrecht: Martinus Nijhoff, 1987.
- WIELAND, C. M. *Die Pythagoreischen Frauen. Historischer Calender für Damen für das Jahr 1790.* Leipzig, 1790.
- WILHELM, F. Die Oeconomica der Neupythagoreer Bryson, Kallikratidas, Periktione, Phintys. *Rheinisches Museum Neue Folge*, 70. 1915, 161–223.
- WOLF, J. C. *Mulierum Graecarum.* Göttingen: Vandenhoeck, 1739.
- ZELLER, E. *Die Philosophie der Griechen in Ihrer geschichtlichen Entwicklung.* 2a ed, v. 3, 2. Leipzig: Resiland, 1868.